

ENTREVISTA^(*) COM A PROFESSORA DOUTORA GILBERTA JANNUZZI¹



O grande desafio é pegar todo esse patrimônio construído de conhecimento, de trabalhos que desenvolveram inteligências, desenvolveram a fala, desenvolveram a capacidade de sensibilidade, e colocar isso para o ensino regular, de modo que o ensino regular absorva isso. O grande trabalho que temos agora é sair desses lugares separados que construímos e nos juntarmos ao pessoal da escola regular para trocarmos conhecimento.

REd: Como você chegou à Educação Especial?

Gilberta: Em 1971, eu tive a oportunidade de ministrar a disciplina História da Educação, no Curso de Pedagogia-Formação de Professores para Deficientes Mentais, oferecida pela Faculdade de Educação, na PUC-Campinas. Ao assumir esta disciplina num curso específico, percebi logo que não poderia dar a História da Educação que eu havia aprendido. Comecei a trabalhar com os clássicos da Educação que estavam sensibilizados ao problema, como: Montessori, Decroly, Itard, Seguin, que já faziam parte da

^(*) Entrevista concedida a Katia Regina Moreno Caiado. Transcrita por Daniela Cristina Viani.

⁽¹⁾ Professora Doutora/Livre-Docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (aposentada) – E-mail: gjannuzzi@mpc.com.br

Entrevista

história da educação em geral, ao mesmo tempo em que estudava os pedagogos que estavam aqui em Campinas. Nesse mesmo período, eu fazia o Mestrado na PUC-São Paulo, em Educação Popular, comparando o Método Paulo Freire com Método Mobra². Eu já era muito voltada para a Educação Popular, pois aos quinze anos estudei num internato, Colégio de Beneditinas, Sto Amaro, no Rio de Janeiro, em Botafogo, e ensinávamos catecismo nas favelas, que eram completamente diferentes das que hoje vemos em Campinas e mesmo no Rio. Impressionava-me demais ver a alegria que predominava no morro, ver aqueles meninos todos tocando, as mulheres cantando, lavando a roupa que era alva e o esgoto sujo correndo morro abaixo. Era muito contraste, ao lado dos homens, muitos sem nada fazer enquanto a mulher trabalhava e aquela alegria toda no morro, aquela possibilidade de ser feliz! Ocorreu-me então mediante esta lembrança que assim como estava utilizando os livros de Paulo Freire na educação popular, ele que captara o que o povo sabe, poderia ser um bom caminho enquanto eu procurasse a sabedoria do “deficiente”. Utilizei então diversos textos dele em minhas aulas.

REd: Dessa disciplina que você ministrava na PUC-Campinas surge o seu problema de pesquisa para o doutorado, não é?

Gilberta: É, comecei a fazer a pesquisa do que era mais próximo, que era o material que estava em Campinas. Procurei muito nos porões do prédio do Instituto de Ciências e Letras, da Biblioteca da Escola Normal Carlos Gomes, contatei a família do Norberto Souza Pinto que me cedeu grande quantidade de livros e documentos que eu tenho até hoje. Escrevi para o arquivo Helena Antipoff, pesquisei nos porões

do Instituto Nacional de Educação de Surdos, o INES, no Instituto Benjamin Constant, o IBC. Enfim, fiz naquele tempo a pesquisa que era realmente manual e muito laboriosa, porque não havia o levantamento que hoje existe. Reuni esse material todo e tentei trabalhar com o quadro teórico do materialismo histórico. Publiquei³ a análise até o ano de 1935, mas só em relação ao “deficiente mental”. Agora revi esse texto, tentei abranger toda a Educação Especial do século, cheguei com esse universo ampliado até o início de 2004⁴. Interessante ver essa construção através dos tempos de uma educação especial que paradoxalmente foi construída diferenciada da regular e ainda permanece no organograma do Ministério da Educação, surpreendentemente com a Secretaria de Educação Especial (Decreto nº 5159 de 28/07/2004). Isto mostra a tessitura feita a partir de um quadro significativo de profissionais, de associações, de instituições, de movimentos deles próprios, de leis que se foram edificando e que resultou num quadro, vamos dizer, paralelo à educação do considerado normal. Vemos neste século a educação popular, na qual a educação do deficiente pobre está incluída, também diferenciada da educação da elite, quanto a qualidade. Isto também acontece com o “deficiente” que tem meios financeiros maiores.

REd: Você contou que no primeiro período do doutorado você pesquisou nos porões de várias instituições. E agora como foi a pesquisa?

Gilberta: Agora a pesquisa estava facilitada. Eu pesquisei como o governo federal trabalha com a educação especial. Embora sabendo que, numa democracia como no Brasil, a participação política é mais de uma certa camada do que da outra, eu achei que era procedente fazer o

⁽²⁾ G.M. Jannuzzi. 1987. **Confronto Pedagógico**: Paulo Freire e Mobra. 3. ed. (esgotada) São Paulo: Ed. Autores Associados/Cortez Ed., 1987.

⁽³⁾ G.M. Jannuzzi. **Luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. 2. ed. (esgotada) São Paulo: Editoras Cortez e Autores Associados, 1992.

⁽⁴⁾ G.M. Jannuzzi (no prelo). **A Educação do Deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas, Ed. Autores Associados.

levantamento com as fontes primárias de legislação e também estudei pesquisas publicadas, principalmente de mestrado e doutorado, trabalhos empíricos, posições teóricas e práticas de vários autores atuantes na área.

REd: E na docência como foi seu trabalho na área?

Gilberta: Eu saí da PUC-Campinas para trabalhar com História da Educação na Unicamp e com o Professor Casemiro dos Reis Filho, que era meu orientador. Na Unicamp, eu tive a oportunidade e tempo para fazer a pesquisa, além do apoio do Prof. Casemiro. Naquela ocasião, achamos que não deveríamos fazer um curso de Educação Especial e sim que os demais departamentos e as demais disciplinas deveriam incluir conteúdos da Educação Especial. Mas como fazer isso? Reunimos um grupo de professores de vários departamentos e unidades, um grupo sensibilizado, entrosado e muito audacioso! A audácia no seguinte sentido: assistíamos às aulas dos professores das outras disciplinas o que os obrigava a falar de Educação Especial! Com isso, começamos a ter adesão e a Educação Especial começou a penetrar nas diferentes disciplinas, departamentos e unidades. Nós não queríamos um curso separado, queríamos um curso em que a Educação Especial entrasse como componente da História, da Filosofia, das Metodologias, da Didática, das Estruturas e Funcionamento do Ensino, etc. Essa era a proposta do grupo, fazer um trabalho integrado na Universidade e houve repercussão; há pouco tempo ouvi a Dra. Vanda Gimenez dizer que a disciplina na qual ela estava fazendo a livre docência era uma disciplina incorporada no currículo da medicina que nasceu desse nosso curso. Mas a Universidade não valoriza esse trabalho de corpo a corpo. Quer dizer, houve um trabalho de corpo a corpo, entende? De gente que fazia um trabalho que a universidade não valoriza, que é esse entrosamento, esse procurar

pensar junto, esse procurar caminhos por onde você deve trilhar. A universidade valoriza a publicação, a participação em congressos. Você registra nos relatórios, mas isso não conta muito. Mas foi feito. E foi feito com entusiasmo, com muito entusiasmo, porque a gente acreditava no que estava fazendo. Todos nós.

REd: Aí você aposentou e pensou que fosse estudar a História do Oriente?

Gilberta: (risos) É...aposentei, mas eu tinha uma curiosidade imensa ainda, eu queria ver como é que foi tecida a Educação Especial no Brasil. Queria ver uma história de longa duração. Como é que a gente trabalha com isso? Por que a gente trabalha com isso? Por que a gente quer saber tanto? Na minha primeira licença prêmio, eu estava muito motivada a pesquisar como o deficiente trabalha e fiz uma pesquisa na oficina da APAE de Campinas⁵, porque esse é um tema que me preocupa, que eu quero estudar mais, se der tempo.

REd. Depois que terminou o livro, com todo esse contato na área ao fazer pareceres de trabalhos e participar de inúmeras bancas, como é que você analisa a Educação Especial hoje?

Gilberta: Eu não tenho visão pessimista da Educação em geral e muito menos da Educação Especial. O que eu vejo é que com todas essas publicações, com esse crescimento de associações, de pessoas que de um lado particularizaram a Educação Especial e de outro lado abriram frentes, hoje você vê muito mais deficientes nas ruas, estamos nos familiarizando com o mundo onde há pessoas que têm um aspecto que não é o esperado normalmente. Então isso facilitou. Essa tentativa de se colocar o deficiente em escola comum veio vindo através dos tempos. Veja, na integração (década de 1980-1990) se esperava primeiro dar um certo

⁽⁵⁾ G.M. Jannuzzi. "Oficina Abrigada e a "Integração" do "deficiente mental". In: **Revista Brasileira de Educação Especial**. São Carlos: Ed.UFSCAR/UNIMEP, v.1, n.1, p.51-64, 1992.

preparo para depois colocá-lo na rede e agora se faz isso diretamente. Muitas vezes se mantém as classes especiais e toda a estrutura que vem vindo, porque ela foi construída muito pela sociedade civil. Quando surgiu o CENESP em 1973, a organização já estava pronta. Tanto que no primeiro recenseamento que o CENESP fez em 1974 já se nota a rede constituída, com classes especiais, com oficinas de trabalho, salas de recursos, com um corpo grande de profissionais, etc. Por exemplo, na década de 50 surgiram muitos centros de reabilitação e psicopedagógicos, além dos médicos que já atuavam, mas em geral havia um pedagogo trabalhando junto. Vimos os profissionais da saúde, os fonoaudiólogos, os fisioterapeutas, os terapeutas ocupacionais entrarem na área, o que provocou, vamos dizer assim, uma complexidade de profissionais. As próprias instituições os foram incorporando e o pedagógico acabou quase diluído ali dentro. Ao frequentar essas instituições tínhamos o desgosto de perceber que o profissional da saúde sabia o que deveria fazer e o pedagogo vacilava, porque ele foi perdendo a identidade dele, a consciência de que a sua especificidade que é justamente sistematizar um saber que vem através dos tempos, conhecer os novos necessários ao tempo e ao lugar e utilizar métodos e técnicas adequadas para que seu aluno se aproprie deles. Ele deve ser competente quanto aos conteúdos a serem transmitidos bem como nas especificidades metodológicas. E ele, infelizmente, a gente teve muito desgosto de constatar, não sabia atingir a sua parte específica. Em contraposição os fonoaudiólogos, os fisioterapeutas eram técnicos da área saúde. Essa ocorrência, talvez fosse nossa culpa, das faculdades de educação, que foram descuidando do conteúdo e deram ênfase apenas ao método. Sabemos que não adianta ter métodos se não se sabe o que ensinar. O aluno precisa do conhecimento necessário naquele momento histórico para ele ser realmente um cidadão, isto é, para que saiba decidir! Isso foi se perdendo e sentíamos essa diluição nessas instituições, que às vezes só recuperavam fisicamente a pessoa. Há casos em que o aluno entrava com sete anos e aos dezoito não estava

alfabetizado. Não era incapacidade dele, e sim porque não tentaram alfabetizá-lo, porque o pedagogo não sabia alfabetizar; nós perdemos isso nos cursos o que é muito grave! Perdemos nos cursos de formação para professor o ensinamento da alfabetização.

REd: a rede que o Cenesp encontrou em 1974 ainda permanece?

Gilberta: Sim, paradoxalmente conserva-se até hoje e é forte! É forte no seguinte sentido: existe um bom número de profissionais especializados contratados e no momento em que, numa instituição pública ou privada se contrata profissionais especializados dificilmente se fecha aquele serviço.

REd: Mas você disse que é otimista em relação à educação, à educação especial.

Gilberta: Sim, porque as contradições sempre existirão. Veja o seguinte: quando foi aberto o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant, e o Instituto Nacional dos Surdos-Mudos, depois Instituto Nacional dos Surdos e, a partir da década de 50, Instituto Nacional de Educação de Surdos, eram instituições que segregavam e mesmo assim muitos aprenderam! Quando a Helena Antipoff, na década de 1930, organizou classes A, B, C, D, estava evidentemente num tipo de pedagogia, possível naquele tempo, que eram as classes homogêneas. Homogeneizava-se o mais possível, quando hoje se sabe que é necessário incentivar que os desiguais fiquem juntos, porque aí é que se facilita a aprendizagem. Mas naquela ocasião ela estava dentro de um modo de conceber e tinha um conhecimento que era o possível. Mesmo ao fazer aquilo, ela possibilitou que muitos pudessem ter outras visões de mundo. Portanto, na medida em que se abrirem dimensões novas para essas pessoas, como é que eu posso ter uma visão pessimista? Eu acho que a educação é um desafio. Você não vai só para frente ou só para trás. Você vai nesse movimento de ir e de

voltar. Não há possibilidade de ter visão pessimista. Muito pelo contrário! Há muita realização importante. Há muitos trabalhos bem feitos; ao se recuperar a história, mesmo a atual, você pode perder muito daquilo que é peculiar na pessoa humana e, portanto, no professor. Falo de um gesto, de uma palavra, de um carinho na hora certa que abrem dimensões para o outro que às vezes não ficam patenteadas naquele momento, mas que podem surgir depois e talvez você nunca saiba. É um trabalho bonito o da pedagogia. É um trabalho que você não pode medir o resultado precisamente; é um desafio; é um lançar sementes. Algumas frutificarão e outras não, mas as que frutificarem poderão ser lindas!

REd: Quais são os principais desafios que temos na educação especial?

Gilberta: O grande desafio é pegar todo esse patrimônio construído de conhecimento, de trabalhos que desenvolveram inteligências, desenvolveram a fala, desenvolveram a capacidade de sensibilidade, e colocar isso para o ensino regular, de modo que o ensino regular absorva isso. O grande trabalho que temos agora é sair desses lugares separados que construímos e nos juntarmos ao pessoal da escola regular para trocarmos conhecimento. E isso é difícil, porque cada vez mais, não só na Educação Especial, se

formam grandes corporações, que se protegem mutuamente. E quanto mais diminui o mercado de trabalho, mais se fecham entre si. É o medo de perder emprego, o medo do próprio saber não ser suficiente para entrar em debate, o medo de se sentir diminuído porque não sabe a resposta. Na Educação Especial, a quantidade de profissionais especializados envolvidos e que vêm sendo envolvidos é significativa, e isso não é recente. Em 1930 se colocou o dentista e o médico em cada escola e as instituições foram colocando todos aqueles profissionais e isso estruturou uma quantidade grande de profissionais na área. Isso é mercado de trabalho e é muito difícil de se romper com essa estrutura, porque é posto de trabalho efetivo, garante a subsistência. Agora, as mudanças ocorrem também pelo trabalho individual. Não será por decreto, porque no Brasil estamos sempre esperando decretos e leis. A lei é posta entre nós não porque ela está incorporada como costume, mas para ser atingida. Acontece que, para ser alcançada, há muitos caminhos possíveis e formas de burlá-la! Mas eu vejo que também está crescendo a responsabilidade individual. Eu acho que sem essa responsabilidade individual a situação não mudará, porque esse entrosamento entre educação regular e educação comum tem que ser um entrosamento que as pessoas procurem, não acontecerá livremente.